

# REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA  
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira,  
E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:  
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

Composição e Impressão:  
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA  
Rua de D. Estefânia, 195-Á — LISBOA

Número avulso ..... 3\$00  
Assinatura anual ..... 30\$00

ANO XXIII

JULHO DE 1962

N.º 190

## A Assembleia da Conferência Geral

A. Casaca

Como já é do conhecimento de todos os nossos prezados Irmãos, vai reunir-se, nos Estados Unidos, no próximo mês de Julho a Assembleia quadrienal da Conferência Geral.

Trata-se de um importante acontecimento na vida e para a vida da Igreja, porquanto se reúnem os principais responsáveis pela marcha do nosso Movimento Adventista.

É a altura das nomeações para o desempenho dos cargos mais elevados da Igreja, nomeadamente o do Presidente da Conferência Geral e dos Directores das várias Uniões.

Estas Assembleias, como de resto as que se realizam nas Uniões lançam as suas raízes mais profundas nos primórdios da Igreja.

Têm a seu favor não só a autoridade da Sagrada Escritura, como também preciosos ensinamentos do Espírito de Profecia.

Efectivamente, a primeira Assembleia da Conferência Geral efectuou-se, há cerca de dois mil anos, em Jerusalém. Recordemos o acontecimento.

Agitava-se, entre os primeiros cristãos a questão acerca do rito mosaico. Conforme nos diz o relato sagrado «alguns que tinham descido da Judeia ensinavam assim os irmãos: Se não vos circuncidardes, conforme o uso de Moisés,

não podeis salvar-vos». (Actos 15-1)

Tratava-se, evidentemente, de matéria muito importante, para a vida da Igreja, porquanto implicava o rito que já contava muitos séculos e que os Judeus cumpriam, rigorosamente.

«Tendo tido Paulo e Barnabé não pequena discussão e contenda contra eles, resolveu-se que Paulo e Barnabé, e alguns dentre eles, subissem a Jerusalém, aos apóstolos e aos anciãos sobre aquela questão. E eles, sendo acompanhados pela Igreja, passavam pela Fenícia e por Samaria, contando a conversão dos gentios; e davam grande alegria a todos os irmãos.

E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela Igreja e pelos apóstolos e anciãos, e lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito com eles.

Alguns, porém, da seita dos fariseus, que tinham crido, se levantaram, dizendo que era mister circuncidá-los e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés.

Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto.» (Actos 15:2-6).

Inaugurava-se, assim, a primeira Assembleia da Conferência Geral, destinada a resolver importantes questões de interesse vital para a vida da Igreja.

Apresentaram-se os vários pontos de vista, que foram estudados e debatidos até se chegar a uma resolução que inspirada pelo Espírito Santo, foi comunicada a todos os crentes, já, dispersos por várias partes.

Efectivamente, assim os apóstolos e os anciãos redigiram as conclusões da primeira Assembleia da Conferência Geral: «Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...» e seguem-se as decisões, que, por virtude da sua procedência divina, se apresentam com força de lei que têm de ser cumpridas por toda a Igreja.

Tal foi a origem das Assembleias da Conferência Geral e dos Concílios que se seguiram, através da História.

E desde então se sucederam os Concílios, quer ecuménicos (universais ou mundiais), quer locais, nacionais ou provinciais.

Faltando-lhes, porém, a luz do Espírito de Profecia não poderiam ser verdadeiros guias, autênticos faróis para apontarem o caminho que conduz à Pátria eterna.

E, foi assim, que a Igreja Remanescente prosseguiu no caminho da celebração das Assembleias Gerais, de acordo com a luz do Espírito de Profecia.

«As reuniões gerais são um dos agentes mais importantes na nossa

## Prezados Irmãos:

Estamos em plenas férias grandes, nessas férias que todos desejam e que são, realmente necessárias.

Bem sabemos que não estava no plano da Divina Providência o gozo das férias, porque, de acordo com os planos divinos, bastava para descanso do homem, o dia, entre todos bendito e abençoado por Deus, o Seu santo dia de Sábado, para que o homem pudesse refazer-se do trabalho da semana.

Mas o homem principiou a trabalhar exaustivamente, quase a viver de dia e de noite, sempre na ânsia de arrecadar mais riquezas e de acumular mais tesouros.

Por isso não é já suficiente o repouso semanal. Necessita também, de um repouso anual, as famosas férias que hoje se encontram vulgarizadas em todos os sectores da actividade humana.

Não pretendemos falar da importância ou da necessidade das fé-

rias. Apenas queremos chamar a vossa boa atenção para a maneira como devem ser passadas.

As férias são um descanso necessário para a actividade do corpo; bem o sabemos. Mas não há férias — nem pode havê-las — para a actividade do espírito, para a vida espiritual.

É, por isso, o melhor momento para lermos as admiráveis obras da Irmã White, que, como sabemos são absolutamente indispensáveis para o nosso progresso na vida espiritual.

Nunca será demais recomendar o estudo e a meditação das obras do Espírito de Profecia. Estudámos neste trimestre da Escola Sabatina essas maravilhosas lições acerca da importância, da necessidade do Espírito de Profecia. Pois temos, agora, durante as férias uma excelente oportunidade para mergulharmos no seu estudo aturado e apaixonado.

Dirijam-se, prezados Irmãos e Irmãs à nossa Publicadora ou aos Obreiros das vossas igrejas pedindo esclarecimentos sobre a maneira mais fácil de poderem adquirir as obras da Irmã White.

E que o Senhor nos abençoe, largamente, no estudo não só da Sua santa-Palavra, mas também do Seu Espírito de Profecia.

### Campanha das Missões

Temos bastos e grandes motivos para entoarmos alegres louvores ao nosso bom Deus pela indizível graça que concedeu à sua Igreja, na nossa União, de termos podido realizar com tanto êxito a Campanha das Missões.

A despeito das nuvens carregadas que toldavam o horizonte, podemos dizer que esta Campanha foi singularmente abençoada, por toda a parte.

Que do fundo dos nossos corações brotem as mais ardentes acções de graças pelas bênçãos incomparáveis que o Senhor nos concedeu.

### As Assembleias da Conferência Geral

Como é do vosso conhecimento, prezados Irmãos, realizam-se, neste mês, as Assembleias da Conferência Geral. Trata-se das Assembleias mais importantes e representativas da Igreja Adventista. Pela graça de Deus nelas tomaremos parte. Que as vossas orações não nos faltem, prezados Irmãos, para que juntas à de todos os representantes às Assembleias, e às de todos os nossos Irmãos espalhados por todo o Mundo Adventista, possamos receber abundantemente a iluminação do Espírito Santo e as bênçãos divinas para que todos realizemos eficientemente a tarefa que nos está confiada na Obra de Deus.

### A nossa Escola

Cada dia que passa salienta a necessidade inadiável de abriremos a nossa Escola.

Bem sabemos o que representa para nós uma Escola nossa, onde os nossos filhos, os nossos jovens, os filhos dos nossos amigos e simpaticizantes possam receber não só a instrução como também a educação, de acordo com os princípios divinos e a orientação do Espírito de Profecia.

Estamos envidando os melhores esforços para que a nossa Escola seja uma realidade no próximo ano lectivo.

Mas façamos, também, da nossa parte tudo quanto estiver ao nosso alcance, e desde já, sem escusas para ninguém: uma sincera campanha de orações para que o Senhor nos conceda a sua abertura, e, ao mesmo tempo, uma boa propaganda, entre conhecidos, amigos e simpaticizantes.

Por que não empreenderemos nós, com fé e entusiasmo, uma tal campanha?

Que Deus nos conceda a abertura da nossa Escola, no próximo ano lectivo.

A. CASACA

obra para atrair a atenção do povo.» — (*Testemunhos*, vol. 6, pág. 31).

«Temo-nos achado perplexos na nossa obra, por não saber como romper as barreiras da mundanidade e dos preconceitos, apresentando ao povo a preciosa verdade que tanta significação encerra para eles. O Senhor nos tem indicado que as conferências são um dos mais importantes instrumentos na realização dessa obra» — *Testemunhos*, vol. 6, págs. 31 e 32.

Se não lembrarmos da importância que representa para a Igreja a próxima reunião das Assembleias da Conferência Geral, não deixaremos de dirigir a Deus as mais fervorosas orações para que o Seu divino Espírito ilumine as inteligências de todos quantos têm responsabilidades na condução da Obra, de modo a que possam, sempre, agir de acordo com a Sua santa vontade.

Oremos, prezados Irmãos e Irmãs pelo bom êxito das próximas Assembleias da Conferência Geral.

# A História da Cruz

No dia 3 de Maio, ao consultar a agenda deparei com as seguintes observações: «Dia da Bela Cruz», «Invocação da Santa Cruz».

Mas que motivou esta solenidade e comemoração?

A cruz foi o meio de suplício e punição do Salvador, como pena máxima usada pelos romanos no tempo do Senhor e usada exclusivamente para os escravos ou indivíduos que não fossem cidadãos romanos, sendo considerado maldito o que fosse pendurado no madeiro, como já indicava a profecia: Gál: 3:13; Deut. 21:23.

A pena máxima entre os judeus era a lapidação (Santo Estêvão foi punido dessa forma: Actos 6:56-60), e assim teria o Senhor sido punido, se o julgamento tivesse sido judaico e não tivesse sido considerado político e levado às autoridades romanas de Pôncio Pilatos e Herodes.

A cruz, sendo o símbolo da humilhação do Salvador (Fil. 2:8), era pelos cristãos apostólicos a lembrança do seu Salvador.

Nos tempos de perseguição em que viviam era perigoso manifestarem publicamente a sua fé e usavam como saudação um gesto em forma de cruz, bastante discreto, que os inimigos certamente desconheciam. Outras vezes desenhavam cruzes nos muros ou nas casas como indicação de serem cristãos, mas como todas as coisas inofensivas e de aspecto ingénuo o inimigo procura converter, a cruz tornou-se com o tempo objecto de idolatria e superstição.

Há nas Sagradas Escrituras outro caso idêntico:

Quando Moisés conduzia Israel para a terra prometida, através do deserto, o povo foi levado pelo inimigo à crítica e desobediência contra o servo de Deus e uma praga de serpentes, figuras do verdadeiro pecado, alarmou o acampamento por algum tempo, morrendo milhares de revoltosos. Mas alguns se arrenderam e rogaram a Moisés para interceder perante o Senhor,

que ouviu a petição e mandou que fizessem uma figura em metal do objecto da calamidade e a colocassem sobre uma vara e num local bem visível, para que todos os que olhassem com fé fossem curados das mordeduras.

O que esta figura representava manifesta-o o Senhor em S. João 3:14. A serpente levantada simbolizava a vitória do Salvador, esmagando o seu poder, instrumento satânico da origem do pecado (Gén. 3:15).

Passam os anos e um rei piedoso de Judá — Ezequias — empreende uma reforma religiosa em Israel, destruindo ídolos e formas de adoração incompatíveis com as Sagradas Escrituras e lemos em II Reis 18:3,4, que fez em pedaços a serpente de metal... porquanto os filhos de Israel lhe queimavam incenso — prestavam culto.

O que foi dado como símbolo de fé e crença, redundou em objecto de pecado.

No Catecismo Popular de F. Spirago, Vol. I pág. 100, lemos:

«A cruz não é, pois, uma cerimónia vã, mas *uma bênção* de si mesmo (apelo para o auxílio divino): ora toda a bênção divina consiste em afastar males e procurar bens. — O sinal da cruz *põe em fuga o demónio e as tentações*».

Um simples gesto com a mão, que mesmo um descrente pode fazer, será suficiente para fazer fugir o demónio? Não será ingenuidade, superstição ou mesmo presunção? Os demónios não devem incomodar-se muito com tais gestos ou traços, mas sim com humilhar o coração perante o sacrifício do Salvador.

Em muitas aldeias portuguesas subsiste ainda a crença que uma cruz revestida de flores ou verdura e pendurada sobre a entrada e feita no dia 3 de Maio ou ramagem benvida nesse dia e colocada sobre dois paus em cruz, nas searas, tem efeito benéfico e livra de pragas, doenças ou tentações.

Podemos ainda considerar o valor das chamadas relíquias, pedaci-

nhos de madeira carcomida que alguém traz lá dos confins do mundo, como pertencendo à cruz do Salvador e pelos quais se dão somas importantes ou se lhe atribui valor espiritual. Mas houve muitos sentenciados dessa forma, talvez milhares, e nada impede que algum «inteligente» use esse método de negócio.

Se o Senhor tivesse sido condenado pelas autoridades judaicas, teria sido lapidado e teriam de guardar as pedras como relíquias.

É no tempo do bispo Honório I que foi confirmada a «Exaltação da Cruz».

O Senhor referiu-se à cruz, objecto de baixeza, humilhação, que já era usada no Seu tempo, entre os romanos:

S. Mat. 16:24:

Forma de renúncia a tomar sobre si para poder seguir o Salvador.

S. Lucas 9:23:

Deve ser tomada cada dia, como forma de negação do seu «eu».

S. Mat. 10:31:

Quem a não tomar para poder seguir ao Senhor, não é digno do Senhor, de ser considerado d'Ele.

S. Paulo, que crucificou o seu «eu» nessa cruz, nascendo a nova criatura — Paulo, no lugar do antigo — Saulo, conta a sua experiência nos seus escritos:

Efés. 2:16:

A cruz foi para ele objecto de reconciliação.

I Cor. 1:17,18:

A cruz é loucura para os incrédulos, mas para ele era o «Poder de Deus», transformador.

Gál. 6:14:

Era a cruz (sacrifício, morte) do Senhor o único objecto da sua glória, em que ele se considerava crucificado.

(Continua na pág. 24)

## «Nos quatro Pontos Cardeais»

De harmonia com as declarações do Espírito de Profecia estamos-nos aproximando do encerramento da história terrestre. «Temos diante de nós uma grande obra — a obra finalizadora de dar ao mundo peccador a última Mensagem de advertência. Há homens que serão tirados do arado, da vinha, de vários outros ramos de trabalho, e enviados pelo Senhor a dar ao mundo esta Mensagem. O mundo está fora dos eixos. Ao contemplarmos o quadro, a perspectiva se nos afigura desanimadora. No entanto Cristo acolhe com esperançosa certeza aos próprios homens e mulheres que nos causam desânimo. Vê neles qualidades que os habilitarão a ocupar um lugar na Sua Vinha. Se estiverem prontos a aprender constantemente, Ele os tornará mediante a Sua providência, homens e mulheres aptos a realizar uma obra que não está além das suas aptidões; mediante a comunicação do Espírito Santo, dar-lhes-á poder na Palavra. Muitos dos campos frutíferos, ainda não trabalhados, devem ser penetrados por principiantes. A luminosa visão do Salvador com relação ao mundo inspirará confiança a muitos obreiros, que se começarem humildemente e puserem o coração na obra se demonstrarão os homens talhados para o momento e o lugar. Cristo vê toda a miséria e desespero do mundo, visão que devia prostrar alguns dos nossos obreiros de grande capacidade em tamanho desânimo, que não saberiam sequer como começar a obra de guiar homens e mulheres ao primeiro degrau da escada... Meus irmãos e irmãs chegaram em vosso ministério, em íntimo contacto com o povo. Erguei os que se acham caídos. Tratai as calamidades como bênçãos disfarçadas, as aflições como misericórdias. Trabalhai de maneira a fazer com que a esperança brote em lugar do desespero». — O. E. pág. 34.

Ao estudarmos as declarações do Espírito de Profecia, vemos na verdade a necessidade presente para uma maior evangelização enquanto o tempo da graça nos é concedido. O Senhor vai abreviar a Sua Obra completando-a e abreviando-a como lemos na epístola de S. Paulo aos Romanos, 9:28.

Ao regressarmos da Metrópole onde estivemos durante nove meses, recordamos com saudades os dias em que entrámos em contactos com diversas pessoas no Norte e no Sul do País. Onde quer que tínhamos oportunidade falávamos do Salvador, sentíamos a necessidade de abreviar a obra de Deus indiferentemente do campo onde nos encontrávamos, pois a obra de Deus projecta-se em todos os pontos cardiais do globo! No Sul falámos aos amigos, aos familiares a todos com quem entrávamos em contacto. Muitos receberam literatura, Bíblias, folhetos, que eram pela primeira vez recebidos. No Norte continuámos nos contactos missionários, e finalmente em Viseu organizou-se um pequeno grupo que está evoluindo dia a dia com a graça de Deus, e a gentileza da cedência de sua casa do casal amigo Senhores Sampaio Nunes. Estes futuros irmãos têm dado o seu contributo de uma forma extraordinária fazendo convites aos seus vizinhos e tomando parte activa e monetária para ajudar a abreviar o Reino de Deus. Segundo notícias recentemente recebidas, já na própria cidade de Viseu, se arranhou um salão para a pregação do Evangelho, e estamos certos que o Senhor abençoará o seu obreiro e naqueles de molde a estruturar-se naquele distrito uma Igreja viva para Cristo. É maravilhoso como Deus depara as oportunidades em todos os recantos da Terra; constatamos que a Obra é Sua e nós vasos fracos que carecem de ser cheios da graça divina e do poder do Espírito Santo, pois Jesus nos diz na Sua Palavra que:... «sem Mim nada podeis fazer». S. João, 15:5. Agora ao regressarmos uma vez mais a terras do Continente Africano, de novo nos lançamos na conquista das almas em terras do planalto de Huila - Angola. A Igreja nesta cidade embora pequena, manifesta um desejo de colaborar e dar continuidade ao trabalho já começado pelos nossos irmãos que por aqui passaram. Há

necessidade de aumentar e atingir as diversas camadas do meio ambiente com a tríplice Mensagem do Advento, e para isso rogamos as vossas orações e simpatia neste quadrante africano onde tantas almas há que desconhecem esta gloriosa Mensagem, e estão vivendo num labirinto de materialismo e indiferentismo abstracto às coisas da eternidade!

Os horizontes apresentam-se nublados e disso temos conhecimento pelas notícias de cada dia, e somos esclarecidos pela Palavra de Deus; urge pois agora, hoje, neste momento, trabalhar «enquanto é dia, porque a noite vem, quando mais ninguém poderá trabalhar». S. João, 9:4. As densas trevas estão envolvendo o mundo e embalando este qual criancinha deitada no seu berço de dormir! Atendamos ao sábio conselho do apóstolo S. Paulo ao dirigir-se à Igreja de Tessalónica na sua primeira Epístola: «Não durmamos pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios... I Tessalonicenses, cap. 5:6-9. E na continuação das suas exortações aos Romanos, S. Paulo admoesta a Igreja com estas declarações: «E digo isto conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitámos a fé... Aos Romanos, cap. 13:11-14. É já hora de despertarmos do sono letárgico que nos envolve, e roguemos ao Senhor que nos desperte para ganharmos almas para Cristo e fazermos a nossa parte honesta na terminação da Obra que nos foi confiada, e ao ser terminada, possamos estar prontos subsistindo de pé ao toque da sétima trombeta em presença de Jesus Redentor, ouvindo-lhe o Seu amoroso convite: «Vinde benditos de Meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo». S. Mateus, 25:34.

Vosso no Senhor,

Sá da Bandeira - Angola

Américo J. Rodrigues

# A Túnica

## inconsútil de Jesus

2.ª PARTE

### A. Casaca

Como vimos no número anterior, a Unidade da Igreja é um reflexo da união com Jesus, pois o comunhão com a Igreja deriva da comunhão com Jesus, traduzida no espírito de obediência aos preceitos e determinações da Igreja, que por sua vez traduz a vontade do seu divino Fundador, o nosso bendito Salvador.

Mas essa unidade que o Senhor Jesus tanto deseja e pela qual Ele, na sua última noite terrena suplicou ao Pai: — «para que sejam um, como nós somos um» (João 17:22) — foi, quase desde a primeira hora, atacada por Satanás, procurando dilacerá-la com as divisões e discussões teológicas, de que resultaram as separações entre os crentes e as heresias.

Contra a unidade da Igreja desencadeou Satanás as suas mais violentas ofensivas, procurando dividir e separar, rasgando, assim, a túnica insonsútil de Jesus.

Mesmo na idade apostólica, em pleno século I se levantaram as primeiras heresias que atacavam ou a divindade de Jesus, ou a sua humanidade.

Foi assim que surgiram os erros de Cerinto, dos Ebionitas dos Nicolaitas e de outros herejes que negavam a divindade de Jesus.

Precisamente contra estes erros escreveu S. João o seu maravilhoso Evangelho, do qual bem podemos dizer que é um todo um hino em louvor e defesa da divindade de Jesus.

O apóstolo e evangelista redigiu firme e categoricamente o seu evangelho no qual, desde o princípio até o fim proclama bem alto, sem hesitações nem qualquer sombra de dúvida, a divindade de Jesus.

Nunca Deus poderia deixar de conceder à sua Igreja os elementos

necessários para que a luz brilhasse inconfundível.

Mas Satanás não se dá por vencido e dirige os ataques contra a humanidade de Jesus; aparecem novos erros dizendo que Jesus não é verdadeiro homem; mais uma vez procurava dilacerar a túnica inconsútil de Jesus.

Mas também, mais uma vez, Deus suscita novos escritores que defendem e provam que Jesus era verdadeiro homem.

E assim, vamos tendo, sempre, através dos tempos a verdade acerca da Pessoa adorável de Jesus de que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

No século IV renovou-se, em grande escala, por todo o Império Romano, a heresia de que Jesus não era verdadeiro Deus. Tal foi o Arianismo que se divulgou principalmente pelas igrejas da África do Norte e do Próximo Oriente.

Foi condenado no Concílio de Niceia, onde se proclamou a Divindade de Jesus.

E tantos outros erros foram pululando procurando retalhar a túnica de Jesus, a qual, porém, graças à Providência divina tinha de se manter sempre íntegra e una, apesar dos rasgões que o espírito do mal lhe procurava infligir.

A essência de Deus é a Unidade na Trindade. Deus Uno e Trino, constituindo o mistério inefável de um único Deus em Três Pessoas Distintas.

Mantém-se a unidade da divindade e é esta unidade que tem de se reflectir necessariamente na Igreja.

Se a Igreja não for una, não poderá ser a Igreja de Jesus, porque Deus não se encontra na divisão, nem na multiplicidade.

Já assim o Apóstolo das Gentes doutrina os crentes do seu tempo,

e na pessoa deles, todos os crentes de todos os tempos:

«Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação. Um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos.» (Efésios 4:3-6).

Assente, iniludivelmente, a Unidade na Divindade, é evidente que a grande obra da formação e constituição da Igreja tem de assentar, absolutamente, na unidade.

Um só corpo: «Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo...» (Romanos 12:5).

Deste modo a característica da Igreja de Jesus — característica, digamos externa — consiste, precisamente na unidade.

«A fim de levarem avante, com êxito, a obra a que foram chamados, estes os discípulos, diferindo tão grandemente nas suas características naturais, na preparação e nos hábitos de vida, necessitavam de chegar à unidade de sentimento, pensamento e acção. Era o objectivo de Jesus conseguir esta unidade. Para tal fim, procurou Ele trazê-los à unidade consigo. A grave preocupação no seu trabalho por eles, exprime-se na sua oração ao Pai — «para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós... para que o mundo conheça que Tu me enviaste a Mim, e que os tens amado a Mim.» (S. João 17:21-23). (Educação, pág. 87).

Veremos, no próximo número como deve refulgir, na Igreja, a unidade que Jesus tão ardentemente deseja para a sua Igreja.

# Serão Só Os Adventistas Que Se Salvam?

Os judeus julgavam-se os únicos predestinados para a salvação. Mas verificamos, por um estudo atento das Sagradas Escrituras, não ser esse o pensamento de Deus. Ele não faz acepção de pessoas. (Actos, 10:34). Assim, encontramos verdadeiros valores espirituais fora da nação Israelita. Temos o caso dos três Reis Magos que vieram adorar o Infante Jesus. Contudo, não passavam duns simples pagãos aos olhos dos Judeus!... Que fé aquela, da mulher siro-fenícia! (S. Mateus, 15:25-28). Que dizer daquele centurião romano? (S. Mateus, 8:10, 13). E de um proscrito de nome Zaqueu? (S. Lucas, 19:8, 9).

Por isso, Jesus teve de desfazer más interpretações ao ponto de apresentar a bem conhecida Parábola do Fariseu e do Publicano. Teve esta alegoria origem naqueles «que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros» (S. Lucas, 18:9).

Que Deus nos livre de julgarmos justos e desprezar seja quem for! Porque «Deus possui jóias em todas as Igrejas e não nos compete a nós propalar acusações ao professo mundo religioso, mas com humildade e amor, apresentar a todos a verdade assim como é em Jesus». (R. H. 17 de Janeiro 1893. Comentários de Ellen White, Vol. 4, pág. 1184).

Nunca dissemos e muito menos afirmámos, como Denominação, que só nós, Adventistas, seremos salvos. Essa é uma acusação gratuita dos nossos oponentes.

E para confirmar aquilo que acabamos de escrever vamos dar a palavra aos maiores escritores do movimento Adventista.

«A um grande número de cristãos sinceros nunca foi revelado o pecado de violar o quarto mandamento da Lei Moral, que diz: «o

Sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus», e são — notai bem — tidos por justificados aos olhos de Deus e perfeitamente dignos de um lugar no Céu. O cristão, porém, que viu, por meio de um estudo cuidadoso das Escrituras, que o quarto mandamento ordena a santificação do Sábado, deve, ou aceitar o Sábado, ou então ficar sob a condenação de Deus». (Francis Nichol, Objecções Refutadas, edição da Casa Publicadora Brasileira, pág. 43).

«Temos a firme convicção de que milhões de cristãos devotos de todas as crenças através de todos os séculos passados, assim como os dos nossos dias, que confiaram e confiam sinceramente em Cristo, seu Salvador e O seguem de acordo com a melhor luz que possuem, estão positivamente salvos. Milhares dos tais foram para as fogueiras como mártires por Cristo e pela sua fé. Além disso, números incontáveis de fiéis da Igreja Católica Romana serão, seguramente, incluídos». (Seventh-Day Adventists Answer — Questions on Doctrine, págs. 184, 185).

«... todos os cristãos que hoje guardam o domingo como sendo o Sábado, têm o sinal da besta? Respondemos: NÃO! E lamentamos dizer que alguns pretensos ensina-dores religiosos, posto que muitas vezes corrigidos, persistem em nos representar mal neste ponto. Nunca defendemos isso; NUNCA O ENSINAMOS. AS nossas premissas não levam a tais conclusões...

Que sucede com os homens que guardaram o domingo no passado e a maioria dos que guardam hoje? Guardam-no como instituição do papado? Não. E chegou o tempo de decidirem entre o Sábado do Senhor e o outro? Não. Por que motivo o guardaram e o guardam

ainda? *Supõem que estão a guardar um mandamento de Deus.* Têm esses tais o sinal da besta? *De maneira nenhuma.* O seu procedimento é atribuível a um erro inconscientemente recebido da Igreja de Roma e não a um acto de adoração prestada a ela.»

(Uriah Smith, As Profecias do Apocalipse, págs. 240, 241).

«Ninguém recebeu até agora o sinal da besta. Ainda não chegou o tempo de prova. *Há cristãos verdadeiros em todas as Igrejas, inclusive na comunidade Católica-Romana. Ninguém é condenado sem que haja recebido iluminação, nem ser compenetrado da obrigatoriedade do quarto mandamento.* Mas quando for expedido o decreto que impõe o sábado espúrio e o alto clamor do terceiro anjo advertir os homens contra a adoração da besta e da sua imagem, será traçada com clareza a linha divisória entre o falso e o verdadeiro. Então os que ainda persistem na transgressão receberão o sinal da besta.»

(Ellen White, Evangelismo, pg. 234).

«Os cristãos das gerações passadas observaram o domingo, supondo que assim fazendo estavam a guardar o Sábado bíblico; e hoje existem verdadeiros cristãos em todas as Igrejas, não exceptuando a comunhão católica-romana, que creem sinceramente ser o domingo o dia de repouso divinamente instituído. *Deus aceita a sinceridade de propósitos de tais pessoas e a sua integridade.* Quando, porém, a observância do domingo for imposta por lei, e o mundo for esclarecido relativamente à obrigação do verdadeiro Sábado, quem então transgredir o mandamento de Deus para obedecer a um preceito que

(Continua na pág. 8)

# «... Se estes se calarem, as próprias pedras clamarão...»

A. CASACA

Na sua Providência infinita deixou-nos Deus tudo de quanto necessitamos não só para O conhecer, como Criador e Conservador Providente de tudo, como também como Salvador e Glorificador.

Deu-nos a luz da razão, pela qual podemos descobrir, através das maravilhas da Criação, a existência do Criador. Deu-nos os Profetas, com os seus sonhos, as suas visões, os seus escritos. E, finalmente, deu-nos o Verbo Divino, feito Homem, a grande comunicação e manifestação da Divindade.

Pois além de todos estes meios que continuam a falar, hoje, como há muitos séculos, quando foram dados inicialmente, ainda Deus nos comunicou outros testemunhos singularmente mudos, mas bem expressivos no seu significado: — os restos das cidades e civilizações de antanho, que a Arqueologia nos vai revelando, paulatinamente, confirmando o que temos escrito.

Como estamos bem longe dos tempos daquele irreverente e pobre Voltaire que negava a autenticidade da Bíblia, alegando, levemente, que falava de povos, de cidades, de civilizações que a História não mencionava!...

Pois todos os argumentos que ele apresentava em abono das suas precipitadas afirmações estão hoje pulverizados, graças às descobertas arqueológicas.

Atacou Voltaire — esse patriarca do racionalismo — entre tantas outras coisas a autenticidade do Livro dos Juízes, nomeadamente tudo o que diz respeito a Gedeão.

Os seus contemporâneos crenes não tinham argumentos directos

para lhe opor: só tinham a fé e com ela mais se radicava a crença na verdade das Sagradas Escrituras.

Mas nós temos hoje o privilégio de poder refutar, directamente, aquela argumentação voltairiana. Anuncia-se que foi descoberto o *poço de Gedeão*.

A antiga cidade de Gedeão, Ofa, que é mencionada várias vezes na Bíblia, está hoje a ser recuperada, nos seus escombros, nas suas ruínas, que qual pedras vivas clamam a veracidade das Sagradas Escrituras.

Depois de quatro épocas sucessivas de escavações, aquela antiga cidade volta à luz do dia revelando preciosas informações sobre a vida dos seus habitantes.

A história de Gedeão refere o triunfo de Israel. Das terras do Oriente um perigo desconhecido avançava sobre Israel, no tempo dos velhos Juízes. Eram as hordas dos midianitas que avançavam, montadas em camelos, despojando, matando e destruindo tudo. «Porque subiam com os seus gados e tendas; vinham como gafanhotos, em tanta multidão que não se podiam contar, nem a eles nem aos seus camelos; e entravam na terra para a destruir.» (Juízes 6:5).

Durante largos anos, Israel fica, inexoravelmente, exposto aos ataques dos midianitas, até que surge Gedeão, o libertador, que emprega com êxito novas e surpreendentes tácticas de ataque.

A velha cidade de Ofa, que através dos tempos havia totalmente desaparecido, está, hoje, gradualmente, a reviver nos seus restos de

muralhas, de palácios, de praças, de edifícios de todas as formas e dimensões, atestando que fora grande.

As adegas, que tornaram famoso o nome da cidade, já foram postas a descoberto.

A cidade gozava, igualmente, de grande fama pelo sistema de abastecimento de água de que dispunha; encontrou-se, já, um reservatório de cerca de dois metros e meio de profundidade, escavado na rocha, junto do qual termina um túnel subterrâneo que vai dar à cidade. Parece tratar-se do chamado «poço de Gedeão».

As últimas descobertas parecem indicar que existiu naquele mesmo local uma outra cidade anterior, pois foram encontrados túmulos escavados na rocha contendo esqueletos que datam do século XVI A.C. e pontas de lanças e flechas, facas de bronze, alimentos e bebidas, que estavam guardados em pratos e jarros.

Graças a Deus que vai sempre confirmando a veracidade da Sua Palavra divinamente inspirada, de modo que nunca, em tempo algum, possa haver desculpas para quem não quiser acreditar no testemunho infalível da Sagrada Escritura.

E não havemos nós, prezados Irmãos e Irmãs, de estudar e amar a Sagrada Escritura?

E não havemos nós de procurar levar o seu conhecimento a todo o mundo, conforme as nossas possibilidades e os talentos que Deus nos concedeu?

Não esqueçamos a palavra do Salvador: «se estes... (também somos todos nós) se calarem, as próprias pedras clamarão!...»

# « O Trabalho do Colportor Evangelista »

«O Senhor deu a palavra; grande era o exército dos que anunciavam as boas novas». Sal. 68:11.

Está-se aproximando o tempo do triunfo final da Igreja.

Por toda a parte está brilhando a luz do Evangelho. Em breve estará terminada a tarefa que Jesus confiou à Sua Igreja, e que consiste na pregação das Verdades eternas a toda a criatura.

Há, porém, uma classe de pessoas que não assiste às nossas reuniões, mas que é preciso caçar e pescar; e para que as almas perdidas nas montanhas e águas turvas do pecado sejam alcançadas, o Senhor, entre outros meios, está usando a colportagem evangélica.

Por certo, que aos olhos dos anjos de Deus se apresenta dia a dia uma cena maravilhosa, que os enche de grande gozo, e que é o trabalho missionário levado a efeito pelos colportores evangelistas.

Em resultado deste trabalho, há muitas almas que, arrependidas, estão aceitando a Cristo, o que provoca «grande alegria no Céu».

Muitos outros hão-de aceitar num futuro próximo a mensagem contida nas publicações colocadas nos vários lares.

«Mas para o cumprimento da sua tarefa, os colportores de hoje necessitam do zelo e fervor que caracterizou a Igreja do Senhor em épocas passadas...».

«Olhemos para os Valdenses e vejamos os planos que idealizaram e as contrariedades que sofreram gostosamente para que a luz preciosa do Evangelho brilhasse nas mentes turvadas pelo pecado.

Os ministros valdenses, sob a aparência de vocação seculares, levavam secretamente consigo exemplares da Sagrada Escritura, no todo ou em parte; quando se apresentava a oportunidade, chamavam a atenção dos fregueses para os manuscritos. Muitas vezes assim se despertava o interesse de ler a Palavra de Deus, e de bom grado dei-

xavam alguma porção aos que a desejavam receber. Ardorosamente desvendava o missionário valdense as preciosas verdades do Evangelho ao espírito inquiridor. Citava com precaução as porções cuidadosamente copiadas da Sagrada Escritura.

A sua máxima alegria consistia em infundir esperança à alma conscienciosa, ferida pelo pecado, e que tão somente podia ver um Deus de vingança esperando para executar justiça. *Com lábios trémulos e olhos lacrimosos, muitas vezes com os olhos curvados*, expunha a seus irmãos as preciosas promessas que revelam a única esperança do pecador.

Em lugares ocultos era a Palavra de Deus apresentada e lida, algumas vezes, a uma única alma, outras a um pequeno grupo que anelava a luz e a Verdade. Amiúde a noite toda era passada desta maneira. Tão grande era o assombro e admiração dos ouvintes que o mensageiro da misericórdia frequentemente se via obrigado a cessar a leitura até que o entendimento pudesse apreender as boas novas da salvação. Era comum proferirem-se palavras como estas:

«Aceitará Deus em verdade a minha oferta? Olhar-me-á benignamente? Perdoar-me-á Ele?» Lia-se a resposta: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei». S. Mateus 11:28.

Uma onda de alegria sagrada enchia o coração, e o nome de Jesus era engrandecido em louvores e acções de graças...

O mensageiro da verdade continuava o seu caminho; mas o seu aspecto humilde, a sua sinceridade, ardor e profundo fervor, eram assuntos de observação frequente.

Em muitos casos os ouvintes não lhe perguntavam donde viera ou para onde ia. Ficavam tão dominados, a princípio pela surpresa e depois pela gratidão e alegria, que não pensavam em interrogá-lo. Quando insistiam com Ele para os acompanhar a suas casas, respon-

dia-lhes que devia visitar as ovelhas perdidas do rebanho. Não seria Ele um anjo do Céu? indagavam.

Em muitos casos não mais se via o mensageiro da verdade. Seguiu para outros países, ou a vida se lhe consumia em algum calabouço desconhecido ou talvez os seus ossos estivessem alvejando no local em que testificara da verdade. Mas as palavras que deixara após si, não poderiam ser destruídas. Estavam a fazer a sua obra no coração dos homens; os benditos resultados só no dia do juízo se revelarão plenamente.

Os missionários valdenses invadindo o reino de Satanás... dispostos a sofrer todas as coisas pela «Salvação de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo». Apocalipse 1:9.

A minha oração a Deus, por mim e pelos meus companheiros no ministério da página impressa é:

Que o Senhor nos conceda na sua infinita misericórdia, o zelo, fervor e espírito missionário que concedeu à Igreja Valdense. Amén.

Arnaldo Borges Macedo

## Serão Só os Adventistas Que Se Salvam?

(Continuação da pág. 6)

não tem maior autoridade que a de Roma, honrará desta maneira ao papado mais do que a Deus».

Apocalipse, pgs. 240, 241.

(O Conflito dos Séculos, pg. 329).

«Há, entre os gentios, almas que servem a Deus ignorantemente, a quem a luz nunca foi levada por instrumentos humanos; todavia não perecerão. Conquanto ignorantes da Lei estrita de Deus, ouviram a Sua voz a falar-lhes por meio da natureza, e fizeram aquilo que a Lei requeria. As suas obras testificam que o Espírito Santo lhes tocou o coração, e são reconhecidos como filhos de Deus».

(O Desejado de Todas as Nações, pg. 478).

Se Deus possui jóias em todas as Igrejas, busquemo-las com todo o carinho e amor cristão e tenhamos simpatia por todos aqueles que militam em qualquer meio religioso.

SAMUEL REIS

# A pureza moral

Não nos podemos esquecer de que, para se ser puro no corpo, é necessário, antes de mais, ser puro no coração.

A vitória tem de ser ganha na mente e na vontade, pois quando Jesus domina, efectivamente, na alma, também o corpo estará de acordo.

Mas, prezados jovens, é inteiramente inútil esperar ter uma vida pura, se se consentir em pensamentos impuros.

Convém, antes de mais, distinguir entre paixões e apetites.

Apetites, como por exemplo a fome e a sede, não podem ser dominados pela vontade, porque são o desejo imperativo da natureza, de restaurar o que o corpo perdeu.

A paixão sexual é coisa um tanto diferente; não é o desejo de recuperar, mas de gastar, e é poderosamente influenciada pela mente. Convém não esquecer isto. É desafortunado classificar o desejo sexual juntamente com a fome e com a sede, como qualquer outro dos apetites naturais.

Uma prova disto podemos ver no seguinte: procure-se dominar a fome mediante qualquer resolução mental; é claro que não se pode fazer.

Suponhamos, porém, que alguma vez, quando se é vítima de pensamentos impuros, ocorre, precisamente, nesse momento, um incêndio ou uma revolução, ou que o pai começa a bater à porta do quarto — imediatamente que essa preocupação sexual desaparece, por completo, e não volta. Mas a fome e a sede, ainda que esquecidas, por um momento, não desaparecem, assim, por motivo de uma preocupação mental.

Convém distinguir entre *repressão* e *sublimação*.

A *repressão* emprega-se para obstar que os nossos poderes naturais sejam mal empregados; por seu lado, a *sublimação* quer dizer o seu enérgico emprego, em fazer o bem.

A primeira é negativa; a segunda é positiva.

Esta distinção é mais importante do que pode parecer à primeira vista. Uma vida, cujos valores são todos negativos, não pode ter bom êxito.

Não se diga, por exemplo: «Porque não sou crente, não faço o mal». Mas diga-se antes: «Agora que sou crente, faço o bem».

A *repressão* dos desejos pecaminosos é sempre possível e quando a vontade está de acordo em querer a santidade, não pecamos.

Mas, muitas vezes, é uma luta e a coisa mais triste é que se trata de uma luta desnecessária, porquanto a *sublimação* vence, sem lutar.

A vida cristã é parecida com o andar de bicicleta: para conservar o equilíbrio é necessário avançar. Uma vida cheia de esforço e de serviço terá pouco lugar para as concupiscências carnavais.

O erro fundamental de muita gente consiste em não encarar, correctamente, o propósito da vida. Quem vive sem nenhum alvo, sem nenhum propósito, não está de harmonia com o universo, e, por isso, não deve esperar acertar com os pormenores de uma boa conduta individual.

Que é que um jovem pensa do seu trabalho diário? Trabalha com vontade, com entusiasmo?

O homem mais rico do mundo, Henrique Ford encarava o trabalho no seu aspecto mais nobre. Entendia que qualquer homem ou empresa, cujo alvo é o lucro, não poderá, em última análise, vir a ter bom êxito na vida. O propósito do trabalho deve ser *serviço* e não lucro.

Não há nada tão difícil como acolher os maus pensamentos e ao mesmo tempo evitar as más acções. O pensamento transforma-se, afinal, num acto. Cada acto pecaminoso começa com um pensamento. E podemos governar os nossos pensamentos, se quisermos.

Pode o leitor experimentar o que acabamos de dizer, qualquer que tenha sido a sua experiência passada.

É necessário, em primeiro lugar, não dar nenhuma facilidade à tentação. Devemos recluir o pecado, tal como o médico receia a infecção.

O homem sem medo, ou é doido ou ignorante, da mesma maneira que uma criança que brinca com fósforos necessita de alguém que a vigie continuamente.

Não nos devemos esquecer de que, qualquer dos cinco sentidos pode ser porta pela qual entre a tentação; por isso, devemos desviar os olhos de verem a vaidade, e os ouvidos de ouvirem histórias inconvenientes.

Quanto mais nos ocuparmos com um pecado, tanto mais ficaremos familiarizados com ele.

E quanto mais contemplarmos a glória moral de Jesus na sua Palavra, tanto mais seremos transformados na mesma imagem. — S.E.M. no folheto *A Castidade*.

## Princípios e regras de moral aplicáveis à selecção de filmes e emissões de televisão

O prodigioso desenvolvimento da indústria cinematográfica e a sua exploração sãbiamente orquestrada em função dos gostos do público apresentam à nossa Igreja um problema de excepcional gravidade. É o problema complica-se, desde que nos lembremos de que a televisão projecta dentro dos nossos lares não só a movimentação directa, como também a reprodução de filmes.

A projecção de filmes e da imagem mediante a TV contam, hoje, entre os mais poderosos meios de sugestão, quer para o bem como para o mal. Por isso o problema reduz-se a saber distinguir entre o bom e o mau, para se poder tirar partido das coisas aproveitáveis e rejeitar tudo o que for nocivo. Trata-se de uma questão de importância capital, que exige uma marcação de posição muito nítida quanto aos princípios em causa, e uma atitude que deve ser resolvida tanto entre os dirigentes da Igreja, como entre os seus membros.

A utilização de filmes ou de emissões de televisão justifica-se quando se trata de programas educativos, de cultura geral ou de distrações sãs. Mas, que critérios adoptar para julgar do valor moral de tais programas? Noutros domínios, tais como leituras, vestuário e reuniões, possuímos um certo número de princípios de base, aos quais nos podemos referir, para determinar o que é bom e o que o não é. Esses princípios, de que nos deveríamos compenetrar, para podermos fazer uma judiciosa aplicação em todas as circunstâncias, dizem respeito ao *tema* em si, à *maneira* como se exterioriza, ao *lugar* desta demonstração e à ou às *personas* implicadas. A distinção entre o que está bem e o que não está, entre o que é conveniente e o que não é, reside na natureza do assunto, na sua origem e nas suas manifestações, e não nos processos técnicos utilizados. Os princípios relativos à decência, ao respeito das conveniências, à consideração devida ao próximo, que todo

o cristão digno deste nome pratica, encontram, igualmente a sua aplicação na escolha dos filmes e das emissões da televisão, quer se destinem a ser projectados em público, quer apenas na intimidade dos lares.

A declaração seguinte, que fomos buscar à Irmã White, parece que se aplica, perfeitamente, a este caso particular:

“Os que querem evitar cair nas armadilhas de Satanás devem vigiar as veredas da sua alma; devem banir toda a leitura, todo o espectáculo, toda a audição susceptível de lhes inspirar pensamentos impuros”. (*Mensagens aos Jovens*, p. 285).

Segundo os princípios recordados nesta declaração, é evidente que a projecção de filmes ou de emissões de televisão que reduzem cenas

necessidade desenfreada do sensacional e uma fuga perante o real. Daí resulta uma instabilidade emocional e um abandono das responsabilidades, quando o dever obriga.

Os produtores de cinema têm inculcado de tal maneira às massas o gosto e a necessidade do drama e da ficção, que os milhões de espectadores assíduos às sessões só reagem perante incitações grosseiras, que de modo algum contribuem para exaltar a pureza cristã. Estamos persuadidos de que, em grande medida, o cinema se pode considerar responsável pela ausência de moralidade nos nossos tempos. Adotar uma atitude de compromisso a este respeito levaria a um desastre; seria capitular perante o mal e aceitar pacificamente as suas trágicas consequências.

# CINEMA e

fictícias, tiradas de romances ou de peças de teatro, não pode ser aprovada pela Igreja. É supérfluo acrescentar que as tendências gerais da literatura — e particularmente os géneros que ela hoje afecta — vão ao encontro do alto ideal de moralidade a que aspiramos, e tendem a minar as bases da vida espiritual. Os seus temas predilectos são o agitar das paixões humanas. Vê-se nessa literatura insistir no adultério, na imoralidade, sob todas as suas formas. A pretendida moralidade das conclusões soa a oco. O próprio amor, esse poderoso sentimento que nasce entre dois seres, é aí apresentado de tal maneira que se torna um insulto ao carácter sagrado da união conjugal.

Tais filmes são perigosos por várias razões. Criam um apetite sem freio por tudo aquilo que excita as emoções. Depois de terem jogado a fundo com as tendências emotivas do indivíduo, deixam as suas aspirações sem objectivo, abandonando-o aos piores sentimentalismos. Perigosos, também, todos estes filmes, porque cultivam o drama e desenvolvem, ao mesmo tempo, uma

Os nossos princípios relativos à educação levam-nos a assentar na realidade, na verdade, em tudo quanto oferece bases sólidas, ao mesmo tempo que afastam do fictício, da quimera, de tudo quanto é alheio à realidade. Na literatura, põem-nos em guarda contra o fictício e o romanesco. No que diz respeito ao vestuário, prescrevem-nos que renunciemos aos acessórios inúteis, a tudo aquilo que for de simples *parada*. Na alimentação, levam-nos a banir tudo quanto se torna prejudicial à saúde. Quanto à edificação do carácter, levam-nos a rejeitar toda a pretensão e toda a hipocrisia.

Portanto, a nossa atitude perante os filmes — quer sejam mudos quer sonoros — deve ser ditada pelo cuidado constante de escolher exclusivamente “tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honroso, tudo o que é justo, tudo o que é puro e que merece aprovação”. E, por consequência, temos de nos afastar, deliberadamente, de tudo o que é falso, de tudo o que é irreal, de tudo o que é próprio para corromper o carácter. Os filmes desta na-

tureza devem ser eliminados, imediatamente, e postos de parte.

Estes princípios de base estão claramente definidos; portanto, não temos mais do que adoptar uma atitude firme, sem nenhum compromisso, desde que sejam contrários às normas da moralidade mencionadas pela nossa Denominação. Dirigimo-nos, aqui, a toda a Igreja, aos jovens e aos membros adultos, pedindo a todos a maior união neste ponto.

Reconhecemos, contudo, que ao lado de muitos filmes maus, também há produções cinematográficas ou da TV absolutamente acima de qualquer censura. Tais são os filmes de documentários, directamente inspirados na natureza, ou cenas que fazem reviver qualquer passo bíblico. Recorrer a filmes ou a um programa de TV para difundir, mais largamente, a nossa Mensagem, ou com um objectivo educativo, até mesmo recreativo, não tem nada de condenável em si mesmo. Trata-se, evidentemente, de processos interessantes e eficazes para proclamar o Evangelho e atingir as multidões. Mas, infelizmente,

nossas escolas e instituições médicas — ou em qualquer outro lugar relacionado com a nossa obra.

Estamos convencidos de que os princípios e os argumentos enunciados neste artigo serão de utilidade real tanto para os nossos dirigentes, como também para cada um dos nossos membros, para poderem concluir se um filme é aceitável ou não.

As duas listas que a seguir publicamos (uma das produções aceitáveis, e a outra das condenáveis) não pretendem ser completas nem definitivas. São apresentadas a título de exemplo, como uma espécie de guia para orientar a nossa igreja.

### Produções aceitáveis

#### 1. Filmes documentários

- a) *Indústrias*—Filmes que mostram o trabalho dos empregados, nas fábricas das várias espécies. Artesanatos locais, transmissões de notícias, imprensa de informações, etc.
- b) *Ciências* — Química, Física — o átomo e as suas aplicações. Meteorologia, Astronáu-

bertas arqueológicas (Egipto, Síria, Palestina, etc.). Reproduções de esculturas ou de quadros de mestres. (Exceptuando qualquer imagem incompatível com a decência e a modéstia cristãs).

- f) *Actualidades e acontecimentos mundiais* (Exceptuando o que é contrário aos nossos princípios: touradas, *box*, etc.)

#### 2. Filmes históricos

Os filmes que reconstituem épocas históricas ou acontecimentos particulares, mas sob a condição de que o acontecimento histórico reconstituído não se torne pretextado para uma vida romanceada e que as cenas projectadas não sejam um desafio às nossas convicções.

#### 3. Filmes biográficos

Vidas de homens e de mulheres reputados pela sua alta moralidade e pela sua dedicação à sociedade. (Com a condição de que o retrato seja conforme com a realidade e que o filme não contenha pormenores chocantes).

#### 4. História e ramos de actividade da nossa Denominação

### Produções proibidas

- a) Todos os filmes que personificam Jesus.
- b) Todos os filmes (ou emissões de TV) inspirados em romances ou em peças de teatro.
- c) Todos os filmes de intimidade amorosa.
- d) Os filmes de adultérios ou os que ridicularizam a vida de família; todos os filmes que podem atentar, de qualquer modo, contra o carácter sagrado da união conjugal.
- e) Todos os filmes, cujo entretcho se inspira no amor do jogo, da dança, no gosto pelas cartas, com inclinações para as bebidas alcoólicas, para a frequência de *cabarets*, etc. Todos os filmes que pintam a maldade humana,

(Continua na pág. 23)

# TELEVISÃO

tanto a TV como o cinema tanto podem espalhar o bem como o mal. Satanás monopolizou o cinema e a TV a tal ponto que a maior parte dos programas constituem, actualmente, um escolho para a moral cristã. É necessário um espírito bastante lúcido e muito discernimento para não se deixar enredar nas malhas de Satanás.

Para facilitar as decisões daqueles a quem incumbe a responsabilidade de escolher filmes destinados às nossas Sociedades MV, oferecemos, aqui, algumas sugestões que constituem, no todo ou em parte, uma aplicação prática dos princípios que acabamos de considerar.

Os nossos Irmãos dirigentes podem consultá-la para poderem avaliar o género de filmes que convém apresentar nas nossas igrejas, nas

tica, Biologia, Grandes Descobertas da Medicina, etc.

- c) *Viagens* — Vistas de países estrangeiros — usos e costumes nacionais, trajos regionais, hábitos de vida. (Exceptua-se tudo aquilo que puder exercer qualquer influência nociva).
- d) *Natureza* — *Animais selvagens*. Parques nacionais. Países pitorescos com interesse geográfico ou etnográfico. Ascensões a montanhas. Explorações. Vida de animais em vários países. Os insectos e as suas metamorfoses. Peixes, Aves, Mamíferos, etc. (À excepção de certas cenas que realçam crueldade).
- e) *Arqueologia, História e Arte*: Escavações, grandes desco-

Duas igrejas simpáticas são estas, onde por vezes, entre alguns membros, se destaca zelo sincero, e até certo ponto desusado, isto, em muitos, e especialmente no que diz respeito à campanha das missões, grande semana e fundo pró-colégio.

No espaço de apenas quinze dias, tanto a igreja de Setúbal como a da Cova da Piedade, atingiram o seu alvo da campanha, e passada uma semana o da chamada semana grande também estava alcançado; até parece que andavam combinadas.

O ano de 1961 foi quase nulo, no que diz respeito ao fundo pró-colégio de Pero Negro, onde esperamos que ali se formem muitos e dedicados missionários, que se dedicarão de alma e coração ao acabamento da obra de Deus neste pobre e miserável mundo. E diga-se de passagem que, embora estas duas igrejas não sejam das mais ricas em cordeiros de Cristo, existe, no entanto, um bom número que bem treinados poderão empreender luta contra Satanás e arrebatá-lhe muitas preciosas almas para a glória do Senhor.

Como dissemos, pouco mais que a nona parte deste alvo foi o ano passado alcançada na igreja de Setúbal, e também apenas cerca de um quinto na da Cova da Piedade. Mas tanto uma como outra igreja estão animadas de um bom espírito de trabalho (como já o demonstraram nos dois primeiros alvos) e querem por-se em dia, este ano.

Algumas valentes e corajosas Irmãs, todas com dificuldades e outras sem filhos que se possam aproveitar do colégio para os seus, e já de uma idade muito respeitável, trabalharam mais tempo e com mais sacrifício para os dois alvos primeiros, e já prometeram fazer outro tanto para o alvo do colégio. Esperamos que todos os que têm um interesse mais directo e especialmente os nossos jovens, trabalharão afincadamente para este fim, durante as férias grandes, constrangidos pelo amor de Cristo e animados pelos seus pais, e assim alcançaremos o nosso desejo.

Queremos, sobretudo, salientar, muito embora sem citar nomes, para não ferir seja quem for, pois não o pretendemos fazer, muito embora esses nomes merecessem estar em lugar de destaque pelo seu esforço, mas Deus sabe quem mais se esforçou, e Ele recompensará justamente. Houve Irmãs que devido, umas à idade e outras ao seu estado de saúde, merecem que nós por este meio lhes agradeçamos, o que fazemos muito gostosamente de todo o nosso coração.

Mas, com um relevo muito especial, salientamos e agradecemos às amigas das duas igrejas que, muito embora não sendo membros e, portanto, sem responsabilidade perante a mesma, trabalharam de muito boa vontade, e em especial na igreja de Setúbal, onde figura o nome de uma visita, com o máximo alcançado — mais de mil e duzentos escudos. A nossa oração a Deus é que Ele as faça membros da Sua igreja, e que por fim as faça contemplar na eternidade as almas que foram salvas com a ajuda do dinheiro que com tanto sacrifício angariaram.

As reuniões nas duas igrejas têm sido realizadas regularmente com resultado. Há almas interessadas que desejam baptizar-se, e outras com muita pena se propuseram para o baptismo, mas não conseguiram, como julgavam, que os patrões lhes concedessem o Sábado. Enfim, o mal de todos os lados.

Os diversos departamentos, tais como: a Escola Sabatina, Sociedade de Dorcas, Missionários Voluntários, Sociedade Missionária, etc., têm funcionado com regularidade, e com alguns resultados, não tanto como desejamos e era de esperar; mas esperamos no Senhor que, quando tivermos o nosso almejado templo, em Setúbal, as coisas mudem de figura, e então haja grande despertamento na igreja e no povo desta linda cidade.

Os jovens da igreja de Setúbal, sob a direcção do Irmão Cipriano

Baptista, e os da Cova da Piedade, sob a direcção artística da jovem secretária do departamento, Maria Sales, estão preparando o programa da festa das mães, os quais também desejam às suas congéneres e irmãs da União Portuguesa, bons programas, bons artistas e boa vontade para os executar na exaltação justa das nossas mães, o melhor e mais sincero amor que existe aqui na terra, que é a melhor dádiva de Deus, e sobretudo as maiores bênçãos do Senhor.

Setúbal, 18 de Maio de 1962

*Marcelino Matos Viegas*

## Uma luz brilha na Amadora

Nesta grande vila da Amadora, temos uma pequenina Igreja recentemente organizada, composta de 21 membros zelosos e fiéis. Ali, estamos realizando reuniões públicas 3 vezes por semana, além de uma outra que se está realizando particularmente, em casa de um casal, membro da Igreja.

Não obstante este programa, a nossa mensagem está ainda longe de ter penetrado no conhecimento das massas.

É nosso desejo que esta pequena luz que está agora brilhando na Amadora se espalhe cada vez mais, até que todo o povo a veja e por ela seja iluminado.

Neste sentido estamos todos trabalhando, por todos os meios ao nosso dispor: convidando vizinhos e amigos, distribuindo-lhes literatura, dando-lhes estudos bíblicos e orando por eles.

A Campanha das Missões ali realizada tem sido um excelente meio, não só para a aquisição de fundos, como também para estabelecer contactos com o povo, que fica informado da nossa existência, como organização, e do lugar onde regularmente nos reunimos, para cultivarmos em espírito e em verdade o nome e a pessoa de Deus.

# DO CAMPO

Pedimos a todos os irmãos e amigos leitores destas linhas que se dignem orar ao Senhor em favor de Sua Obra na Amadora.

Que a luz que ora brilha naquele lugar se torne mais e mais intensa, até que enfim os céus sejam iluminados com a glória do Senhor. Amém.

*Vitor Martínez*

## A Missão Adventista dos Açores e a sua história

Segundo conta a lenda, o arquipélago dos Açores é um resto da «Atlântida», que abrangeria talvez até às Canárias.

Chega-se a afirmar que as civilizações bastante adiantadas para a época, encontradas na América Central, tais como o império dos Incas do México e dos Índios do Perú, encontrados pelos Espanhois, seriam sobreviventes da catástrofe da Atlântida.

Na Ilha do Corvo, assevera Rocha Martins, que a lenda conta que os descobridores encontraram uma pedra em forma de estátua, seme-

lhante a alguns achados arqueológicos no México, e que se desintegrou quando a procuraram transportar para algum museu.

Parece que o Arquipélago foi descoberto desabitado, e pelo ano 1432, por Gonçalo Velho Cabral, e que o nome «AÇORES», deriva da quantidade de aves com aquele nome, ali encontradas.

A primeira Ilha a ser descoberta foi Santa Maria a 15 de Agosto de 1432. Surgem algumas dúvidas acerca do tempo que mediou entre esta descoberta e a das restantes Ilhas. Segundo Gervásio Lima, S. Miguel foi encontrada a 8 de Maio de 1444, mas outros dão a data de 26 de Setembro de 1432, o que parece mais viável.

As restantes Ilhas e as datas mais prováveis são:

Terceira - Ilha de Jesus Cristo: Março de 1433. S. Jorge - 23 de Abril de 1433. Flores - S. Tomás: Junho de 1433. Corvo - Santa Ana: Junho de 1433. Pico - S. Luís: Agosto de 1433. Faial - S. Diniz: Outubro de 1433.

*Casa da Irmã Soares, onde se fez a 1.ª Esc. Sab. em Ponta Delgada, em 1934*



O povoamento fez-se sem demora, com colonos vindo especialmente do Norte do País, sendo o arquipélago berço de grandes Poetas, Escritores e Políticos, tais como Antero de Quental, José do Canto, António Borges, etc.

## ILHA DE S. MIGUEL

Esta Ilha é a maior e de natureza vulcânica, existindo algumas raras belezas naturais, tais como: Lagoas das Sete Cidades, Vale das Furnas, Lagoa do Fogo, etc., que se supõe serem crateras de vulcões.

Em 1532 houve um desprendimento de terras nas proximidades do Pico da Barrosa ou Lagoa do Fogo, entrou em actividade um vulcão, cujas lavas correram para as ribeiras de Água de Pau, Ribeira Seca e Ribeira Grande. O povo viveu dias e meses de angústia, passando parte do tempo em peregrinações, procissões e preces e talvez daí venha a tradição dos «Romeiros» — grupos de homens que na época da Quaresma percorrem a Ilha, saídos de quase todas as Freguesias, como em procissão, com um ou mais rosários, um bordão de peregrino com extremidades em metal, uma mochila com alguns comestíveis, um lenço de mulher na cabeça ou no pescoço, entoando cânticos à Virgem Maria, ao mesmo tempo que vão rezando o terço. É vulgar, pessoas abeirarem-se do Mestre ou o Procurador das almas (homem que dirige o grupo), perguntarem-lhe quantos são e de onde são, e prometerem «Padres Nossos» e «Ave-Marias» pelas almas, que por sua vez têm de rezar tantos como o número dos «Romeiros», que chegam a ser dezenas.

A população é assim muito religiosa e muito apegada a tradições, sendo que leva por vezes anos a desanuviar algumas almas, com os ensinamentos das Sagradas Escrituras.

A Igreja Adventista, entrou ao que parece, com a obra da colportagem.

Em 1931, veio aos Açores em colportagem, em companhia do Irmão Raúl Leal, o Irmão Joaquim Vasco, que nos arredores da cidade de Ponta Delgada - Arrifes, encon-

traram um senhor que já tinha estado na América, onde tinha conhecido o Sábado da Bíblia, de nome Adelino, já falecido. A esposa deste senhor falou a uma vizinha que devia ir a sua casa ouvir uns senhores que tinham ido à sua casa e guardavam o Sábado.

A Irmã, Maria da Glória Soares — era esta a tal vizinha — que já tinha algum conhecimento Evangelico, foi ouvir e não lhe foi difficil compreender, visto que se baseavam nas Sagradas Escrituras. Os colportores deram alguns estudos, entregaram folhetos e despediram-se, mas o pequeno grupo desejava saber mais.

Algum tempo depois passou por Ponta Delgada, vindo da América o Irmão Nóbrega, que como conhecia ou lhe fora indicado, o nome do tal senhor Adelino, fez ali alguns estudos, aos quais assistiu a Irmã Maria da Glória.

Passaram-se ainda alguns tempos e talvez por os ditos colportores terem relatado o interesse despertado, a então União Ibérica convidou o Pastor E. P. Mansell, que se encontrava dirigindo a Missão da Madeira, por ele aberta, a fixar-se em Ponta Delgada, onde chegou a 18 de Setembro de 1934. Logo que chegou alugou casa na Rua de Santa Catarina e procurou a Irmã Maria da Glória, que nessa ocasião estava ausente, mas um seu filho que estava empregado perto da casa alugada pelo Pastor Mansell, informou a mãe, logo que esta chegou, de que um senhor a tinha procurado e que guardava o Sábado. No Sábado seguinte a Irmã Maria da Glória visitou o Pastor Mansell e foi a primeira Escola Sabatina a que assistiu.

Foi combinado então fazer-se a Escola Sabatina em casa da Irmã Maria da Glória, na Senhora da Saúde, Rua Amaro Dias (cuja fotografia incluímos), onde continuou até que o grupo aumentou e alugaram o segundo andar do prédio onde funcionava o Consulado Inglês, no n.º 7 da Rua dos Mercadores e mais tarde no n.º 77 da mesma Rua.

No dia 12 de Dezembro de 1935, realizaram-se os primeiros 5 baptis- mos: George Mansell, Maria da

Glória Soares, Lúcio Soares, Natália Soares, Maria A. Pereira e Maria Santa Pereira.

O Ir. Joaquim Vasco torna a vir colportar os Açores, com um livro de Saúde, talvez por 1934, e nas suas voltas pelos arredores foi à Relva e entrou numa venda dum senhor, numa rua quase junto ao mar, e perguntou àquele senhor se lhe podia indicar o nome dos professores da localidade, ao mesmo tempo que ia apresentando o livro. Aquele senhor objectou que aquele livro devia fazer mal aos médicos, ao que o Irmão Vasco, apontando para uma Bíblia que aquele senhor tinha aberta sobre uma mesa, respondeu que também aquele livro fazia mal aos padres. Assim nasceu uma série de estudos e aquele senhor — Irmão Urbano Ferreira, actualmente na América, teve os primeiros contactos com a Igreja Adventista.

Um amigo do Irmão Urbano que tinha estado na América, emprestou-lhe o livro «Nossa Época e o Destino do Mundo», que o confirmou mais nas doutrinas Adventistas. Dias depois encontraram-se novamente na cidade de Ponta Delgada e o Irmão Vasco informou o Irmão Urbano que já havia uma Igreja Adventista na cidade e convidou-o a ir lá no Sábado seguinte. Desde então não deixou mais de lá ir, tornando-se activo missionário junto dos amigos e vizinhos, não fazendo excepção com o padre da freguesia.

Da sua actividade nasceu ali um grupo de interessados, entre os quais o Irmão Gil Raposo Soares, e quase toda a sua família.

O baptismo do Irmão Urbano Soares e Gil Raposo Borges, com mais umas quatro pessoas, foi no dia 5 de Dezembro de 1937, seguindo-se outro grupo em Junho de 1938.

No dia 28 de Dezembro de 1935, são escolhidos entre o grupo, os primeiros officiaes da Igreja:

Pastor: E. P. Mansell  
Sec.-Tes.: Edith Mansell  
Dir. E. Sabat.: E. P. Mansell  
Sec. Sabat.: Natália Soares  
Dir. M. V.: Edith Mansell

Vic. Dir.: Maria Santa Pereira  
Sec.: Donald Mansell  
Pianista: Edith Mansell.

O Conselho era constituído por E. P. Mansell, Edith Mansell e Maria Santa Pereira.

O primeiro relatório da Escola Sabatina data de 20 de Abril de 1935. A recapitulação foi passada pela Irmã Maria da Glória, que tratava da cura do paralítico. O primeiro hino foi o n.º 11 mas o último não é mencionado, estavam inscritas 18 pessoas e estavam presentes 17, 10 visitas e 17 estudaram diariamente.

A colecta rendeu 16\$80.

No Domingo 29 de Agosto de 1936 é organizada a primeira sociedade de Jovens sendo: Directora: Edith Mansell; Vic.-Dir.: Maria Santa Pereira; Sect.: Donald Mansell, sendo esta direcção já eleita no fim do ano transacto.

O grupo foi organizado em Igreja, no Sábado 14 de Agosto de 1937, contando 18 membros, sendo a primeira Igreja Adventista nos Açores. Presidiu o Pastor A. J. Girou, então Presidente da União Ibérica. Foi nesse mesmo dia celebrada a Santa Ceia com o grupo existente.

O Pastor Mansell permaneceu até 10 de Maio de 1940, encontrando-se já nesta Ilha, desde o dia 27 de Abril, vindo no Carvalho Araújo, o Pastor M. Lourinho e Família, que substituiu o Pastor Mansell, que regressou à América.

Em Março de 1941, visita a Missão o Pastor A. D. Gomes, como o novo Presidente, da já formada União Portuguesa, que fora encarregado pela Divisão de tratar dalguns assuntos referentes a esta Missão. Seguindo-se outra visita do Pastor E. Ferreira, quando Presidente da União e daí as visitas tornaram-se mais frequentes.

Pastorearam a Igreja da Ponta Delgada:

Pastor Mansell, Pastor Lourinho, Pastor Esteves, Pastor Miguel, Pastor Samuel Reis, Pastor Mendes, Pastor Baião e presentemente o signatário.

De 1948 a 1952, a Sede da Missão esteve na cidade de Angra, na Ilha Terceira, sendo as transfe-

rências sido feitas pelos Pastores Lourinho e Esteves, respectivamente.

Em 1952 foi inaugurada a Igreja, na Rua Machado dos Santos, 4, onde se encontra actualmente.

Lugares de culto na Ilha de S. Miguel:

Na *Relva*, Rua do Sabão, desde o princípio do despertamento dos primeiros crentes, sendo fechada por falta de assistência há uns dois anos. Presentemente fazemos uma escola Sabatina filial em casa de membros da Igreja.

Na *Água de Pau*, em casa de membros da Igreja, no tempo dos Pastores Mansell e Lourinho, que com a saída dos membros, foram suspensos e nunca mais se tornaram a fazer.

*Pico da Pedra* — O trabalho começou no tempo do Pastor Miguel, e depois tomou vulto no tempo do Pastor Samuel Reis, que alugou uma sala, onde por alguns anos se fizeram semanalmente cultos. Surgiram depois complicações com os senhorios e o Irmão José da Costa Amaral construiu uma sala que dedicou para Igreja, onde se continua a reunir cada Sábado de tarde perto duma dezena de pessoas, na maioria membros da Igreja.

A Igreja de Ponta Delgada tem actualmente 66 membros baptizados, mas quase outros tantos têm emigrado para América, Bermudas, Brasil, etc., muitos dos quais continuam a ser amigos da sua terra e Igreja.

Prezados leitores da Revista Adventista, orai por nós e pelas almas que o Senhor tenha para salvar nesta grande mas difícil de evangelizar, Ilha de S. Miguel.

Vosso em Cristo.

*F. Cordas*

### **Centro de Férias Juvenil de Benguela**

Durante as pequenas férias da Páscoa, de 19 a 21 de Abril, a Igreja de Benguela teve a satisfação de



*Centro de Férias Juvenil de Benguela*

levar a efeito o seu 1.º Centro de Férias Juvenil, que foi também o primeiro a realizar-se em terras portuguesas.

Este Centro de Férias Juvenil foi uma cópia da *Vacation Bible School*, muito popular nas igrejas adventistas dos Estados Unidos, donde passou para o Brasil com a designação de Escola Bíblica de Férias. Aqui em Benguela pareceu-nos conveniente dar-lhe uma outra designação e escolhemos a de Centro de Férias Juvenil. Confessamos que esta modesta experiência excedeu de longe as nossas melhores expectativas e serviu para confirmar as extraordinárias possibilidades desta iniciativa como instrumento de evangelização juvenil.

Do programa diário constavam histórias, jogos, campismo e trabalhos manuais, sendo talvez esta última actividade a que mais entusiasmou os jovens. Era com dificuldade que deixavam os trabalhos em mão para passarem a outras actividades e tivemos o prazer de ser forçados a manter o Centro em funcionamento durante mais de seis horas por dia, quando o tempo de funcionamento habitual é apenas de três horas, no período da manhã. O Centro iniciou-se com cinquenta e três jovens e terminou no domingo de Páscoa, já à noite,

com a presença de quarenta e seis jovens, que ficam aguardando, ansiosos, a realização do próximo Centro de Férias, nas férias grandes. Esperamos nessa ocasião ter mais frequência de crianças estranhas à Igreja. Algumas crianças que, receosas de entrar, observavam do lado de fora do muro as actividades dos nossos jovens, já disseram aos pais que para a outra vez têm que ir brincar com aqueles meninos d Igreja Adventista. Finalmente, depois de julgados os trabalhos feitos pelos alunos, foram entregues diplomas aos que obtiveram as melhores classificações. A todos os que assistiram a este primeiro Centro de Férias foram oferecidos certificados de frequência e de bom comportamento.

O Rádio Clube de Benguela várias vezes se referiu à realização do Centro de Férias, que foi motivo de curiosidade para muitas pessoas. É possível que para isso tenha contribuído também a atraente tabuleta amavelmente pintada, a várias cores e com muito gosto, pelo artista Rogério de Matos.

Foi de grande ajuda para a realização do Centro de Férias de Benguela o entusiasmo e a boa vontade do jovem José de Sousa,

*(Continua na pág. 23)*

# «A OBRA LEIGA INDISPENSÁVEL NO ACABAMENTO DA OBRA»

De entre as actividades que mais importância desempenham no acabamento da Obra de Deus aqui na Terra, o Evangelismo Leigo é, sem dúvida, uma das indispensáveis nesta gloriosa tarefa.

Ao colocarmos o Evangelismo Leigo entre as principais actividades missionárias dos últimos tempos mais não fazemos do que, simplesmente, dar realce à interpretação que se tira de expressões que abundam nos relatos bíblicos. Além do mais, dentro do serviço leigo, existe um pormenor que será porventura dos mais eficazes na consecução da Obra — o contacto pessoal. Poderá haver excepção para alguns nesta actividade, cujo trabalho antecipadamente julgemos inglório?

Achamos que será difícil arranjar-lá, pois que a todos são dados talentos para desenvolver. Senão vejamos o que nos diz a Irmã White: «O Senhor tem em Seu grande plano um lugar para cada um. Não se concedem talentos que não sejam necessários. Ainda que o talento seja pequeno, Deus tem para ele emprego, e se o usarmos com fidelidade, executará exactamente a obra que o Senhor lhe destinou. (Test. vol. 3, pág. 303).

A Obra é demasiado grande e urgente no seu plano para que se possa sujeitar única e simplesmente à acção do Obreiro. É necessário que haja em toda a Igreja um espírito missionário activo e altamente desenvolvido, para que as palavras: «Ide pregai o Evangelho» (Marcos 16:15) não sejam simples imagens de retórica.

Está-se no limiar de grandes e solenes acontecimentos e nunca a Cruzada Leiga terá sido tão necessária como agora. Tudo se encaminha para o completar dos sinais proféticos das Sagradas Escrituras e a multiplicação dos esforços não se pode deter. Talvez não seja descabido recordar aqui os Valdenses e, se o fazemos, é apenas para lembrar mais uma vez o espírito perse-

verante que os animava e do qual os membros leigos deveriam tirar uma cópia fiel. Deles se diz: «O espírito de Cristo era o seu espírito missionário. Compreendiam que Deus exigia mais deles do que simplesmente preservar a verdade na sua pureza e que sobre eles repousava a solene responsabilidade de deixarem a sua luz aos que se achavam em trevas».

Sim, os Leigos constituem uma frente espiritual indispensável à Igreja nestes derradeiros tempos, pois só quando se der a união total dos esforços entre eles e o Obreiro é que a Obra poderá ser terminada. Infelizmente, ainda há alguns que assim o não compreendem, mas para estes vamos lembrar-lhes o caso do povo de Meroz.

Soara o toque do clarim para os soldados e um bem disciplinado exército pôs-se em marcha. En-

quanto, porém, se fazia a chamada, uma cidade recusou enviar os seus soldados, que eram tão Israelitas como os que não hesitaram em ir à luta. «Amaldiçoi a Meroz disse o Anjo do Senhor. Amaldiçoi os seus moradores porque nada fizeram para o Senhor (Jui. 5:23). Porque foram amaldiçoados? Nada fizeram para o Senhor. Este foi o seu pecado.

Poderia ainda objectar-se: quantos Leigos são precisos? A resposta seria: Todos. Ninguém poderia alegar qualquer facto para justificar a sua falta. A Obra é de todos e por isso mesmo jamais alguém poderá escusar-se dela.

Muito mais teríamos a dizer sobre a importância dos leigos, mas cremos que para a justificar bastariam as suas íntimas concordâncias com o plano das Sagradas Escrituras.

Apelamos para todos sem distinção, lembrando que o serviço leigo é indispensável para abreviar a Volta de Jesus a esta pobre Terra.

F. Esperancinha

## DEPARTAMENTO DAS PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

### VENDAS DO 1.º TRIMESTRE DE 1962

NOMES DOS COLPORTORES	VENDAS
Inácio Duarte da Conceição . . . . .	23.430\$00
Missão de Cabo Verde . . . . .	19.350\$00
António Loureiro Gomes . . . . .	17.972\$50
Missão da Madeira . . . . .	17.560\$00
Arnaldo Martins . . . . .	16.492\$00
António Tomás Pinto Aguiar . . . . .	11.740\$00
Arnaldo Borges Macedo . . . . .	11.505\$00
Maria Luísa Saboga Serra . . . . .	10.950\$00
António de Jesus . . . . .	8.510\$00
Isabel Brito Ribeiro e Silva . . . . .	5.840\$00
António Martins . . . . .	5.750\$00
Afonso António . . . . .	5.420\$00
José Luís Ascenção Esteves . . . . .	3.250\$00
José Martinho Margarido . . . . .	2.975\$00
Joaquim Faria das Neves . . . . .	2.765\$00
Joaquim da Conceição Marçal . . . . .	2.439\$00
Maria da Conceição Resende . . . . .	1.400\$00
Vasco Madeira Bernardino . . . . .	1.145\$00
Eliás Mendes Rodrigues . . . . .	960\$00
Eduardo Graça . . . . .	510\$00
Diversos . . . . .	3.911\$00
	<hr/>
	175.134\$50

Lisboa, 31 de Março de 1962

O Secretário das Publicações  
Orlando Costa